

[LUZBOA - II BIENAL DA LUZ

CIDADES

Corredores de lâmpadas iluminam noites de Lisboa

Até 30 de Setembro, candeeiros com lâmpadas vermelhas, verdes e azuis indicam os circuitos da Luzboa - II Bienal de Luz. São quatro quilómetros entre o Príncipe Real e a Sé, em que os visitantes encontram 24 intervenções no espaço público montadas por artistas portugueses e estrangeiros. O espectáculo começa todos os dias às 20.00 e termina à meia-noite

📷 Kátia Catulo 📷 Gonçalo Santos

Pode ser que ao virar uma esquina de Lisboa dê de caras com um pedinte profissional. Ao atravessar uma rua seja atropelado por um cortejo de bailarinos vestidos de veludo e de luz. E ao subir o Bairro Alto se perca numa floresta de lanternas vermelhas. Tudo isso é possível porque até sábado, dia 30, a capital recebe a Luzboa, a II Bienal da Luz.

São dez dias para viajar pela cidade entre as 20.00 e a meia-noite de olhos postos em candeeiros com filtros vermelho, verde e azul. Cada cor corresponde a um circuito. E em cada caminho há instalações de artistas portugueses e estrangeiros montadas nas ruas, suspensas nas árvores, projectadas nos edifícios ou nos muros da cidade.

A Luzboa foi concebido pela associação cultural Extramuros e desenvolve-se ao longo de quatro quilómetros, onde 24 intervenções no espaço público esperam pelos visitantes. Descobrir cada obra de arte urbana pode ser uma tarefa solitária ou então uma visita guiada. Todos os dias, até ao próximo sábado, Patrícia Freire, da organização do evento, marca encontro às 20.30 no Jardim do Príncipe Real com todos os que queiram visitar a segunda edição da Bienal de Luz em troca de uma moeda de um euro.

A viagem prolonga-se por duas horas e tem várias paragens obrigatórias. No Jardim do Príncipe Real a peça da checa Jana Matejkova, *Coração*, reproduz o batimento cardíaco da cidade de Lisboa; no Miradouro de São Pedro de Alcântara, uma constelação de cem lanternas intermitentes ocupam um espaço que há mais de dois anos encontra-se em obras; no Largo da Trindade, uma



Fado Nas Escadinhas de São Cristóvão, o trio belga Het Pakt estendeu dezenas de telas com o rosto dos moradores projectados

casa feita de ripas convida qualquer um a entrar e a descobrir os jogos de luz entre as brechas da madeira.

À entrada do Chiado termina o circuito vermelho e começa o verde. Um mendigo sentado no chão, pede a nossa atenção e trocos esquecidos nos bolsos. É a primeira entre um conjunto de quatro intervenções que o espanhol Javier Nuñez Gasco intitulou de *Misérias Ilimitadas*. Os transeuntes são surpreendidos por pedintes profissionais. Cada um deles recebeu formação específica sobre como vestir e comportar-se como

um mendigo. Organizados numa lógica de empresa, apelam à generosidade dos lisboetas e turistas exibindo cartazes onde as letras estão desenhadas a néon de várias cores.

Na fachada dos Armazéns do Chiado crescem plantas e flores virtuais. *Sur Natures*, de Miguel Chevalier, é uma instalação interactiva, activada pelo movimento de pessoas e de carros. As imagens geradas por um programa concebido pelo próprio artista, reagem aos estímulos da cidade. Sempre que o trânsito e o fluxo de transeuntes é intenso, a vege-

tação desperta para uma coreografia imprevisível. E sempre que Lisboa adormece, as searas, os malmequeres ou as espigas reflectidas no edifício deixam-se ficar quietas à espera do próximo impulso urbano.

O percurso da Luzboa termina no circuito azul, onde começam as subidas e descidas íngremes da cidade. Nas Escadinhas de São Cristóvão, o trio Het Pakt estendeu dezenas de telas com rostos projectados. Cada uma delas é uma fotografia de um dos moradores da freguesia de São Cristóvão e São Lourenço. Para

montar o *Fado Morgana* os artistas belgas convidaram os residentes do bairro a fazer audições de voz. Coros de fado vadio cantados por quem ali mora é o que se pode escutar nos becos e nas esquinas.

Há ainda duas peças que fazem parte da bienal, mas que só estarão expostas a partir de terça-feira. *Tratam-se do Museu do Triciclo*, um contentor instalado por Rigo no Terreiro do Paço e de uma instalação dos artistas portugueses Adriana Sá e Hugo Barbosa montada até 5 de Outubro no Largo do Correio Mor. |

400 mil 350

Número de visitantes portugueses e estrangeiros esperados durante os 10 dias em que decorre a Luzboa, de acordo com os dados da Associação de Turismo de Lisboa. Segundo a associação cultural Extramuros, a primeira edição da bienal (2004) foi visitada por cerca de 250 mil pessoas

Número de candeeiros públicos, do Jardim do Príncipe Real à Sé de Lisboa, que foram intervencionados. Em cada um foi colocado um filtro vermelho, verde ou azul e a intensidade da luz foi diminuída. Cada cor pretende indicar um dos caminhos para usufruir das obras de arte, na rua

100 mil

Investimento em euros para esta exposição, que contou com a participação de várias entidades públicas e privadas. A Câmara Municipal de Lisboa disponibilizou diverso apoio técnico e as respectivas autorizações para a montagem das peças de arte pelas ruas da cidade

24

São as instalações artísticas de artistas portugueses e estrangeiros que integram a segunda edição da Luzboa. Cada peça é vigiada 24 horas por dia por seguranças privados ou por agentes da PSP durante os dez dias em que decorre a bienal para evitar roubos ou actos de vandalismo

4

Número de quilómetros do percurso da Luzboa. Cada circuito corresponde a uma das três cores primárias - vermelho, verde e azul -, matizes esses que, sobrepostas, dão origem à cor branca. Cada percurso revela uma faceta da cidade de Lisboa: aristocrática, pombalina ou muçulmana